

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA FEBRE POR CHIKUNGUNYA NO AMAPÁ DE 2017 A 2021

Carolline Alves Ibiapino*, Paulo de Oliveira Neto

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP, Brasil

Introdução: Chikungunya é uma arbovirose transmitida por meio da picada da fêmea do gênero *Aedes aegypti* infectado. A reação febril intensa e artralgia e condicionam um “caso suspeito” com base no vínculo epidemiológico. As manifestações tardias, como: dores crônicas e intensas nas articulações se mantêm em até 50% dos casos. Apesar do Amapá ser um dos primeiros estados a identificar a circulação do vírus em 2014 ainda carecem estudos que revelem o perfil epidemiológico e as condições que reiteram a continuidade dessa infecção.

Método: Trata-se de uma pesquisa transversal, descritiva com abordagem quantitativa, com dados de 2017 a 2021. Os dados foram de indivíduos, independente da faixa etária, notificados pela condição no estado do Amapá. A coleta para o estudo foi realizada através do Sistema de Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e os parâmetros analisados foram: número absoluto de casos, faixa etária, sexo, raça, região de moradia, condição e evolução da doença.

Resultados: Observaram-se 1712 casos notificados de febre por Chikungunya no estado do Amapá, sendo 2017 e 2018 os anos de mais notificações 74,76% (1280) em comparação a 2020 com 2,57% (44). Dentre os totais, 29,96% (513) foram confirmados. Entre os confirmados, 98,44% (505) são procedentes do Estado do Amapá com uma distribuição de 49,70% (255) de Macapá e 11,30% (58) em Laranjal do Jari e Santana, todos oriundos de áreas rurais. Além disso, a maior prevalência foi em pardos, 78,16% (401) e a faixa etária mais acometida foi de 20-39 anos, representando 37,03% (190) com predominância do sexo feminino de 61,79% (317). Na evolução da doença, 86,54% (444) evoluíram com cura e 1 óbito foi registrado.

Conclusão: a distribuição dos parâmetros epidemiológicos analisados reforça a prevalência da infecção pelo Chikungunya em indivíduos em idade laboral e que residem ou procedem de áreas interioranas. Depreende-se então, que a infecção persistente pelo vírus na região reflete a condição rural do Estado, que necessita de um amparo maior na prevenção primária dessa doença, como a eliminação de potenciais criadouros de mosquitos. Além de que o reconhecimento de formas graves e óbitos oriundo da Chikungunya ainda é uma dificuldade em todo Brasil.

Palavras-chave: Febre de Chikungunya Infecções por Arbovirus Epidemiologia Clínica

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103432>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ENCEFALITE VIRAL NO BRASIL ENTRE 2018 E 2022

Igor Macedo Pinto*

Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil

Introdução/objetivos: A encefalite viral, processo inflamatório do parênquima encefálico, tem como principais agentes etiológicos vírus dos grupo herpes, arbovírus -dengue, em especial- e enterovírus, de acordo com a competência imunológica do paciente. Clinicamente se apresenta de forma aguda com disfunções neurológicas, que variam segundo a faixa etária e etiologia. Devido à alta morbimortalidade, desafios do controle sanitário e acesso à saúde é necessário traçar o perfil epidemiológico da encefalite viral no público pediátrico brasileiro, 0 a 19 anos.

Métodos: Estudo transversal, retrospectivo e descritivo realizado a partir da coleta de dados estratificados por unidade de federação, sexo, cor/raça e faixa etária sobre internações hospitalares e mortalidade, disponibilizados pelo Sistema de Morbidade Hospitalar (SIH/SUS – DATASUS) entre 2018 e 2022. Os critérios de exclusão foram as informações não compatíveis com as variáveis em questão. Para a análise dos dados, foi utilizado o software Microsoft Office Excel® 2016.

Resultados: Foram notificadas 4.859 internações de crianças e adolescentes por encefalite viral, no Brasil, entre 2018 e 2022, sendo Pernambuco o estado com maior número de internações (12,25%), seguido de São Paulo (11,22%) e Maranhão (8,17%). Pardos (46,96%), de 1-4 anos (35,36%), homens (55,69%), mulheres (44,31%) é o perfil nacional de maior acometimento da doença. A letalidade média nacional foi (2,20%) tendo os estados do Pará (7,04%), Alagoas (6,25%) e Piauí (5,97%) com maiores índices. Os menores marcadores de morbidade e mortalidade, respectivamente, foram Amapá (0,28%) e Paraná (0,29%).

Conclusão: Conhecer o perfil de vulnerabilidade, através do internamento, possibilita a análise de fatores preventivos, como desempenho da vigilância sanitária no controle de endemias e acesso/qualidade dos serviços de saneamento básico, visto as origens das transmissões virais. A expressiva letalidade, sobretudo das unidades federativas que detém maiores índices, propõe a necessidade de estudos posteriores para avaliar o acesso aos serviços de saúde e efetividade do diagnóstico e abordagem terapêutica, fatores que sugerem melhor prognóstico da doença, como também auxiliam no desenvolvimento de políticas públicas sociais e de saúde por todas as esferas –município, estado e nação- garantindo à todos gozo amplo da cidadania e o fortalecimento do Sistema Único de Saúde.

Palavras-chave: Encefalite viral SUS Perfil epidemiológico Pediatria

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103433>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS NOTIFICADOS DE MPOX EM SERGIPE

Flávia Moreira Dias Passos*,
Vanessa Alves Nascimento,
Luciano Araújo de Souza Filho,
Guilherme Pedralina dos Santos,
Beatriz Santana Ribeiro, Walmer Carvalho Filho,
Marco Aurélio de Oliveira Góes

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Introdução/Objetivo: Mpox (monkeypox) é uma doença zoonótica viral causada pelo vírus Mpox, um membro do gênero Orthopoxvirus, que inclui o vírus da varíola (que causa a varíola). Mpox é caracterizada por erupções cutâneas. Em maio de 2022, vários países onde a Mpox não é endêmica relataram casos, incluindo alguns países das Américas. Em 23 de julho de 2022, o Diretor-Geral da OMS declarou que o surto de Mpox em vários países constitui uma Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional e em 11 de maio de 2023 foi finalizada essa situação. O estudo teve como objetivo descrever os casos notificados de Mpox em Sergipe.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal descrito dos casos de Mpox notificados no estado de Sergipe. Os dados foram obtidos a partir do banco estadual dos casos notificados, no período de 15 de junho de 2022 a 30 de junho de 2023.

Resultados: Em Sergipe, o primeiro caso de Mpox foi notificado em 15/06/2022, mas a primeira confirmação ocorreu apenas em 20/08/2022. Durante o período estudado foram notificados 386 casos suspeitos de Mpox, sendo 72 casos (18,7%) confirmados através de biologia molecular. Entre os confirmados, a maioria (79,2%) foi do sexo masculino e a idade variou de 1 a 62 anos (média de 29,04 anos), tendo 58,3% entre 20 e 39 anos. Quanto a orientação sexual 44,4% referiram ser homossexual ou bissexual. Apenas em dois 2 casos foi encontrada a coinfeção pelo HIV. Em apenas um caso houve necessidade clínica de internação hospitalar e nenhum evoluiu para óbito. Apesar de notificação de casos registradas até 26/06/2023, o último caso confirmado ocorreu em 19/01/2023.

Conclusão: A análise dos dados revelou uma demora no processo de confirmação diagnóstica, além de uma proporção relativamente baixa de casos confirmados em relação às suspeitas iniciais de Mpox. Observou-se que essa infecção pode afetar diferentes faixas etárias, com predomínio em homens adultos jovens. Destaca-se também a importância de abordar a prevenção e conscientização sobre práticas de proteção sexual em comunidades específicas. A maioria dos casos identificados apresentou gravidade moderada e poucas complicações graves foram registradas. Houve uma redução na incidência de casos confirmados na região, sugerindo a eficácia de medidas direcionadas de controle e prevenção.

Palavras-chave: Mpox Emergência em Saúde Pública Epidemiologia Surtos

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103434>

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA CAXUMBA E A SITUAÇÃO VACINAL DA TRÍPLICE VIRAL NO BRASIL, NO PERÍODO DE 2018 A 2022

Camile Xavier Souza Santos^{a,*},
Andressa Zacchi Bazzarella^b,
Claudiana Aline Aparecida dos Santos^c,
Sofia Dias Araujo Damin^d, Higor Braga Cartaxo^{a,e}

^a Centro Universitário UNIFTC-Salvador, Salvador, BA, Brasil;

^b Universidade de Vila Velha (UVV), Vila Velha, ES, Brasil;

^c Faculdade Anhanguera, Divinópolis, MG, Brasil;

^d Universidade de Medicina de Santo Amaro (UNISA), São Paulo, SP, Brasil;

^e Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM), Cajazeiras, PB, Brasil

Introdução/Objetivo: A parotidite epidêmica, ou caxumba, é uma doença viral sistêmica de alta morbidade que acomete todas as faixas de idade, com repercussões de maior gravidade na adolescência e na idade adulta. Como manifestações clínicas têm-se febre, cefaleia, disfagia e astenia; nos casos mais graves, inflamação das glândulas salivares, surdez, meningite, orquite e ooforite. Surtos recentes da doença em vários centros brasileiros é preocupante, fazendo questionar a efetividade da situação vacinal. Diante do exposto, o estudo tem como objetivo descrever os aspectos epidemiológicos da caxumba e da cobertura vacinal no Brasil.

Métodos: Estudo ecológico de série temporal, no período de janeiro de 2018 a dezembro de 2022, com dados do Sistema de Internação Hospitalar (SIH-SUS) e do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI), provenientes do Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A população do estudo foram indivíduos residentes no Brasil com casos confirmados de internação por caxumba, bem como os registros de imunização da tríplice viral D1 e D2. Os dados foram tabulados e exportados para o programa Microsoft Excel, organizados por frequência e discriminados por ano, região, sexo e idade.

Resultados: Houve 2.503 casos de caxumba no Brasil. O ano de 2022 foi o período com maior número de casos, com um total de 604 casos (24,13%), e 2021 com o menor, 338 (13,50%). A região do Brasil com maior número de casos foi a Sudeste. A população mais acometida foi o público do sexo masculino, de 1 a 4 anos de idade, sendo que, de 2018 a 2022, os casos aumentaram progressivamente em indivíduos de 50 anos ou mais. Houve uma queda da cobertura vacinal em todas as regiões, de 2018 a 2021, com reduzido crescimento em 2022.

Conclusão: Constatou-se que houve um aumento dos casos de caxumba no Brasil em 2018 e 2022, com queda em 2020 e 2021, o que entra em concordância com a queda da cobertura vacinal. Nos últimos cinco anos, o aumento de casos entre a população idosa estimula a reconsideração da necessidade de medidas mais rigorosas para proteger esse grupo vulnerável.

Palavras-chave: Caxumba Cobertura vacinal Vacina tríplice viral

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103435>

AUMENTO DE CASOS DE INFLUENZA B EM PACIENTES DE UM HOSPITAL TERCIÁRIO DO SUL DO BRASIL EM 2023

Grazielle Motta Rodrigues*, Luciana Giordani,
William Latosinski Matos,
Alessandra Helena da Silva Hellwig,
Viviane Horn de Melo, Juliana Bergmann,
Angela dos Santos Azevedo, Claire Beatriz Soares,
Maria Cristina de Oliveira Amaro Ritter,
Denise da Silva Menezes, Dariane Castro Pereira,
Rodrigo Minuto Paiva, Afonso Luis Barth